

SUBLUXAÇÃO ATLANTOAXIAL TRAUMÁTICA EM UM CÃO: RELATO DE CASO

ATLANTOAXIAL SUBLUXATION TRAUMATIC IN A DOG: A CASE REPORT

Dione Smak Batista¹; Verônica Batista de Albuquerque²; Maisa Martins Quirillos Assis²; Marcelo Augusto de Araújo²; Graziela Kopinits de Oliveira²

¹Acadêmico do Curso de Medicina Veterinária da Faculdade Integrado de Campo Mourão-PR

²Docentes da Faculdade Integrado de Campo Mourão-PR

Resumo

Objetivou-se com este estudo relatar o tratamento clínico de subluxação atlantoaxial traumática de um paciente canino do Hospital Veterinário da Faculdade Integrado de Campo Mourão-PR. O paciente atendido foi um cão, macho, de raça Yorkshire, seis meses de idade, pesando 1kg, com histórico de trauma em região cervical, onde o pescoço foi preso à porta do carro, iniciando a partir de então episódios convulsivos. Mediante exame clínico-físico e radiográfico chegou-se ao diagnóstico de fratura simples, completa, transversa e fechada na asa esquerda do atlas e subluxação atlantoaxial. O paciente foi internado e instituiu-se tratamento clínico por meio de imobilização da região cervical, restrição de movimento e utilização de meloxicam na dose inicial única de 0,2 mg/kg, reduzindo-se em seguida para 0,1mg/kg SID, cloridrato de tramadol 4 mg/kg QID, manitol 1mg/kg e dexametasona 1,5 mg/kg, BID, todos pela via intravenosa. Ao terceiro dia de internamento foi retirada a medicação com dexametasona e ao quarto dia o animal teve significativa melhora, recebendo alta hospitalar, e instruído a dar continuidade ao tratamento em domicílio, exceto o manitol. Após 20 dias o paciente retornou ao Hospital Veterinário da Faculdade Integrado com melhora clínica evidente, recebendo alta médica. O tratamento clínico instituído mostrou-se eficaz no controle da sintomatologia anteriormente apresentada, bem como na prevenção de novos episódios.

Palavras chaves: cães; articulação atlantoaxial; medula espinhal.

Abstract

The objective was to report the clinical treatment of traumatic atlantoaxial subluxation in a patient canine Veterinary Hospital School Integrated Campo Mourao, PR. Was attended to a male dog breed Yorkshire, six months old, weighing 1kg, with a history of trauma in cervical region, where the neck was attached to the car door, then starting from seizures. Upon clinical and physical, radiography examination came to the diagnosis of simple fracture, complete, transverse and closed on the left wing of the atlas and atlantoaxial subluxation. The patient was admitted and clinical treatment was instituted by immobilization of the neck, restricted movement and use of meloxicam in the initial single dose of 0.2 mg kg⁻¹, is then reduced to 0.1 mg kg⁻¹ once a day, tramadol hydrochloride 4 mg kg⁻¹ four time a day, manitol 1mg kg⁻¹ and 1.5 mg kg⁻¹ dexamethasone twice, all by intravenous route. On the third day of hospitalization was withdrawn medication with dexamethasone and the fourth day the animal had significant improvement and was discharged, continuing with home treatment, except mannitol. After 20 days the patient returned to the Veterinary Hospital of the School Integrated with clinical improvement and was discharged from care. Clinical treatment proved very effective in the correction of cervical instability allowing a satisfactory motor recovery.

Key words: dogs; atlantoaxial joint; spinal cord.

Recebido em: 29/02/2012.

Aceito em: 24/06/2014.

Introdução

Subluxação atlantoaxial ou instabilidade atlantoaxial (IAA), como também é conhecida, é uma alteração que pode resultar de trauma ou anormalidades congênitas. Tais situações podem causar deslocamento dorsal e cranial do eixo, e consequente compressão da porção cervical da medula espinhal e das raízes nervosas, gerando dor e deficiências neurológicas em graus variáveis, desde ligeira ataxia e deficiências proprioceptivas até tetraparesia grave (SILVA et al., 2009).

A lesão medular pode resultar em incapacidade permanente. Arias et al. (2007) afirmaram que o conhecimento e a utilização precoce de medicamentos e/ou procedimentos cirúrgicos específicos, que preservem a integridade estrutural do neurópilo medular, podem fazer a diferença entre o retorno à deambulação ou paralisia.

Segundo Stainki et al. (1998/1999) os casos clínicos de IAA geralmente resultam de uma combinação de fatores congênitos e traumáticos, sendo que a forma traumática pode ocorrer em qualquer idade, em qualquer porte ou raça de cão, sendo mais comumente decorrentes de acidentes automobilísticos ou brigas.

Os sinais clínicos variam desde dor cervical à tetraplegia e morte por insuficiência respiratória. Estes sinais decorrem de compressão da medula espinhal, podendo ser encontrados sinais associados à lesão no tronco encefálico caudal como hipoventilação e síndrome vestibular (BECKMANN et al., 2010).

O diagnóstico da IAA é baseado nos sinais clínicos, anamnese e avaliação neurológica (STAINKI et al., 1998/1999) sendo confirmado por achados radiográficos (BECKMANN et al., 2010; SILVA et al., 2009; STAINKI et al., 1998/1999). Na projeção lateral pode-se observar o deslocamento dorsal do eixo em direção ao canal vertebral, e um aumento na distância entre o arco dorsal do atlas e o processo espinhoso do eixo (SILVA et al., 2009; STAINKI et al.,

1998/1999). Já as projeções ventrodorsais com a boca aberta e lateral oblíqua evidenciam melhor a ausência ou fratura do processo odontóide (SILVA et al., 2009). Bynevelt; Rusbridge e Britto (2000) sugerem que o uso da ressonância magnética e tomografia computadorizada propiciam uma avaliação mais pormenorizada de alterações na região atlanto axial.

Festugatto et al. (2009) relatam que IAA pode ser tratada por meios conservativos ou cirúrgicos, sendo que o primeiro é proposto para animais com sinais clínicos mínimos. O tratamento cirúrgico é indicado para aqueles que apresentam deficiências neurológicas moderadas a graves.

O tratamento conservativo consiste na restrição dos movimentos por meio do confinamento do paciente (BECKMANN et al., 2010; SILVA et al., 2009; STAINKI et al., 1998/1999), por um período de três a quatro semanas com utilização de colar cervical, mantendo a cabeça e pescoço em extensão (SILVA et al., 2009). Os autores indicam o uso de medicações anti-inflamatórias não esteroidais e/ou esteroidais e analgésicas podendo levar a uma melhora do paciente, entretanto isto é normalmente transitório (SILVA et al., 2009; STAINKI et al., 1998/1999).

Geralmente o prognóstico dos pacientes tratados medicamente é desfavorável, devido à recorrência dos sinais clínicos (FOSSUM, 2013).

Apesar do tratamento clínico ser recomendado nos casos de IAA, o tratamento cirúrgico mostrou-se mais eficaz, porém o diagnóstico precoce e a idade do paciente (jovem) são fatores que parecem melhorar o prognóstico em relação ao tratamento clínico (BECKMANN et al., 2010).

Objetivou-se com este trabalho relatar o tratamento clínico em um caso de subluxação atlantoaxial traumática em cão, associada a fratura de atlas.



Relato de Caso

Um canino, macho, raça Yorkshire, com seis meses de idade, pesando 1 kg, foi atendido no Hospital Veterinário da Faculdade Integrado de Campo Mourão com histórico de trauma em região cervical decorrente do fechamento da porta do carro no pescoço do paciente e crises convulsivas.

O paciente apresentava-se em estado de estupor e ao exame clínico apresentou frequência cardíaca de 110 bpm e respiratória de 40 mpm com dispnéia, temperatura retal 32°C, sem resposta a teste de todos os pares de nervos cranianos, estrabismo posicional e hemorragia escleral. Os reflexos espinhais encontravam-se diminuídos, com déficit proprioceptivo.

Ao final do exame físico foi solicitado exame radiográfico da região cervical, em projeção lateral direita, uma vez que Fossum (2013) afirma que esta projeção permite um diagnóstico preliminar da instabilidade atlantoaxial, sem necessidade de anestesia. Neste exame observou-se fratura simples, completa, transversa e fechada na asa esquerda do atlas e subluxação atlantoaxial.

O animal foi internado e instituiu-se tratamento clínico por meio de imobilização da região cervical, restrição de movimento (animal em gaiola), cloridrato de tramadol 4 mg/kg QID, manitol 1mg/kg e dexametasona 1,5 mg/kg, BID, todos pela via intravenosa. Ao terceiro dia de internamento foi retirada a medicação com dexametasona e incluído ao tratamento omeprazol 1 mg/kg, SID e meloxicam 0,1mg/kg, SID.

Ao quarto dia de internamento o animal teve significativa melhora recebendo alta hospitalar, porém, o proprietário foi instruído a continuar o tratamento em casa e retornar após sete dias. A medicação receitada foi a mesma que o paciente já estava fazendo uso, exceto o manitol.

Sete dias após realizado o atendimento, o proprietário retornou com o animal para acompanhamento clínico e radiográfico. Ao

exame físico todos os parâmetros estavam dentro da normalidade, porém ao exame neurológico observou-se andar em círculos curtos e déficit proprioceptivo, estando os outros parâmetros dentro da normalidade fisiológica. Foram realizadas projeções lateral e ventrodorsal com o paciente anestesiado, onde foi observada linha de fratura radiolúcida em asa esquerda do atlas ainda visível, deslocamento dorsal do eixo aumentado quando comparado com exame anterior. Todas as medicações foram suspensas, sendo recomendado repouso ao paciente.

Após 14 dias da alta hospitalar o proprietário retornou com o animal para realizar o exame radiográfico, sob anestesia, para acompanhamento do quadro. Onde foi observada linha de fratura radiolúcida ainda visível, discreto deslocamento dorsal do eixo e sem sinais radiográficos de formação de calo ósseo.

Após cinco meses de tratamento, o paciente retornou ao Hospital Veterinário da Faculdade Integrado com melhora clínica evidente e todos os parâmetros neurológicos normalizados, recebendo alta médica.

Discussão

A luxação traumática pode ocorrer em qualquer idade, tamanho ou raça de cão. A forma congênita afeta quase exclusivamente cães de raças toy (STANKI et al., 1998/1999). Neste relato a história clínica mostra a possibilidade de estarem associados fatores congênitos e traumáticos, visto que o animal sofreu um trauma e tem predisposições tanto etárias quanto racial.

Em um levantamento realizado por Beckmann et al. (2010) no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Santa Maria foi observado resposta insatisfatória ao tratamento clínico, porém neste relato o tratamento clínico com restrição da movimentação e uso do colar cervical contribuiu para alívio dos sintomas e estabilização da articulação atlantoaxial como descrito por Silva et al. (2009). Além disso, o uso



de analgésicos e anti-inflamatórios mostrou-se adequado, evitando-se o procedimento cirúrgico com melhora significativa do quadro do paciente.

Fossum (2013) afirma que o risco de recidiva é alto em pacientes tratados

clínicamente, porém no caso em questão até o momento da última avaliação, após 5 meses de tratamento o paciente apresentou melhora progressiva, sem recidivas, não sendo necessárias outras intervenções.

Conclusão

O tratamento clínico instituído mostrou-se bastante eficaz, permitindo uma recuperação motora satisfatória no caso clínico relatado.

Referências

- ARIAS, M. V. B.; SEVERO, M. S.; TUDURY, E. A. Trauma medular em cães e gatos: revisão da fisiopatologia e do tratamento médico. **Semina: Ciências Agrárias**, Londrina, v. 28, n. 1, p. 115-134, jan./mar. 2007.
- BECKMANN, D. V.; MAZZANTI, A.; SANTINI, G.; et al. Subluxação atlantoaxial em 14 cães (2003-2008). **Pesquisa Veterinária Brasileira**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, p. 172-176, 2010.
- BYNEVELT M.; RUSBRIDGE, C.; BRITTON, J. Dorsal dens angulation and a Chiari type malformation in a Cavalier King Charles Spaniel. **Veterinary Radiology e Ultrasound**. v. 41, n.6, p.521-524, 2000.
- FESTUGATTO, R.; MAZZANTI, A.; RAISER A. G.; et al. Modificação da técnica de abordagem ventral à articulação atlantoaxial sem a secção do músculo esternotireóideo. **Ciência Rural**, Santa Maria, v.39, n.4, p.1239-1242, jul, 2009.
- FOSSUM, T. W. **Small animal surgery**. 4. ed., St. Louis: Elsevier, 2013. 1620p.
- STAINKI, D. R.; GARCIA, F. S.; SILVA, N. R. Instabilidade atlanto-axial em canino: breve revisão e relato de caso. **Revista da Faculdade de Zootecnia, Veterinária e Agronomia**, Uruguaiana, v. 5/6, n.1, p. 136-143. 1998/1999.
- SILVA, A. C.; FIGUEIREDO, M. L.; ARAÚJO, B. M.; et al. Resposta ao tratamento clínico conservativo diante da instabilidade atlantoaxial em cão – relato de caso. In: JORNADA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, 9., Recife. **Anais...** Recife: UFRPE, 2009.

